MODELOS DE PROTAGONISMO E DESLIZAMENTOS NARRATIVOS EM MEMES NA INTERNET

Mariana TAVERNARI[1]

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Resumo

Este trabalho está destinado a trabalhar os memes, no contexto da centralidade da cibercultura na vida contemporânea, como formas de narrativas em rede, analisados em função de fluxos enunciativos convergentes e interpretados a partir de modelos de protagonismos ciberculturais. Por meio de análises de enunciados de 2010 a 2013, identificamos deslizamentos narrativos de uma autoreflexividade cibercultural em direção à uma apropriação das redes sociais para a disseminação de memes relacionados à uma cidadania apoiada no humor e na justaposição de elementos verbais e visuais que recriam efeitos de sentido tematizando a democracia e as manifestações populares.

Palavras-chave

Narrativas digitais; Cibercultura; Redes; Discurso; Memes

Introdução

Este trabalho está destinado a trabalhar como a centralidade da cibercultura na vida contemporânea, abordando os memes na rede como um das diversas formas de expressões narrativas das mídias digitais. Considerando-os como artefatos culturais da contemporaneidade, permitem a segmentação de crenças e viabilizam processos de construção de campos discursivos marcados por uma coerência discursiva e estética, movimentado por retroalimentações recíprocas entre as diversas linguagens viabilizadas pelas novas tecnologias.

Para efeitos de análise nesse trabalho, os memes são compreendidos como um grande sintoma e manifestação cultural da cibercultura e de sua capacidade de representação. Vistos como unidades semânticas de representação, os memes na internet permitem a propagação de enunciados, traduzidos na forma de informação binária, depois materializados em infográficos, vídeos, quadrinhos, imagens, fotografias e mesmo sons carregados de sentido.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da USP (mddt@usp.br). Bolsista CAPES. E-mail: mddt@usp.br.

Analisaremos narrativas meméticas em circulação de 2010 a 2013, demonstrando modelos de protagonismos diferenciados, de uma perspectiva centrada na tecnologia como agente transformador (em 2010, por meio de exemplos como memes provenientes do filme "The Social Network") a outra, fundamentada na produção de sentidos em torno dela (por meio de memes em circulação nas manifestações populares ocorridas no país, em junho de 2013).

Assim, observaremos as formas narrativas empregadas pelas mídias digitais especialmente representadas pelos memes como expressão e índice cibercultural. Serão evidenciadas práticas midiáticas cristalizadas nas tramas convergentes da comunicação, da cultura e da tecnologia na sociedade contemporânea, por meio de exemplos que demonstram os memes como um sintoma das representações ciberculturais e seus consequentes embates e conflitos interdiscursivos.

Convergências e modelos de protagonismo na cibercultura

Os dispositivos das mídias digitais, reinterpretados como novos modelos de produção de visualidades e verbalidades, colocam as narrativas digitais e, portanto, o fenômeno dos memes e sua replicação no centro da problemática das ressignificâncias históricas de configurações discursivas, entre elas o dispositivo do cinema, da televisão e mesmo do vídeo. No contexto das narrativas digitais, a função hegemônica da televisão e do cinema se transformam transmidiáticas e o fenômeno memético aparece como um exemplo bastante típico das conexões horizontais que passam a dominar o panorama midiático a partir dos processos de convergência que emergiram com as novas TICs.

Esse elástico processo de interconexões, tomado aqui como processo discursivo, integra um conjunto de macro transformações das práticas midiáticas contemporânea, chamadas de convergência (Jenkins, 2008), remediação (Bolter e Grusin, 2000) transposição e adaptação intersemiótica[2] (Jakobson, 1970), reservadas as diferenças entre elas.

Por convergência, Jenkins não se refere ao processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos, mas à circulação de conteúdo por meio de diferentes sistemas midiáticos, sistemas de mídias concorrentes e fronteiras nacionais e que depende fortemente da participação dos interatores. Na perspectiva convergente dos sistemas midiáticos, a oposição online/offline, bem como o paradigma da substituição dos meios

[2] Conceito que abrange a área da semiótica onde a representação de diferentes meios não se molda a partir desta tradução, definida por Roman Jakobson.

deixa de fazer sentido, uma vez que as manifestações culturais e midiáticas características desse processo emergente presumem a interação entre as diversas formas narrativas, e não sua exclusão. A ordem da apropriação discursiva e, portanto, cultural, dos meios, ou seja, da ressignificação dos dispositivos, não obstante, incorre também na história das relações entre os meios, ao longo dos movimentos de recombinações, apropriações e remediações. Ao contrário de idealizar e localizar os meios em uma plataforma estática, convêm conceptualizar as relações entre os meios de forma a capturar o movimento entre os espaços culturais e mesmos históricos ocupados por suas manifestações ao longo desses processos.

A noção de potencial convergente das mídias tem se disseminado em diversas esferas culturais, em parte em função da aparente transformação dos diversos dispositivos imagéticos da contemporaneidade. Os discursos apoiados em conceitos como *storytelling*, transmídia, redes midiáticas, entre outros, pode ser observado nos mais diversos ambientes midiáticos a que se tem acesso: desde revistas de circulação restrita, a programas de televisão de grandes redes, a ideia de convergência se faz presente não apenas como um conceito teórico apropriado pelas grandes redes de comunicação, mas também como argumento de sustentação das formas contemporâneas do viver. Existir, na sociedade em que estamos, implica em conectar-se, tanto com os dispositivos maquínicos e, mas também com o outro, aquele que nos vê, nesse movimento de mediação. Nesse contexto, os processos de convergência miméticos como formas narrativas e mesmo da cibercultura, fazem parte de uma engrenagem da qual participam uma diversidade de manifestações e expressões culturais e midiáticas caracterizadas por um protagonismo técnico-digital.

No entanto, ao longo dos anos, observa-se uma visibilidade expandida de práticas midiáticas que, além de colocarem os dispositivos técnicos e representações ciberculturais no centro dessa problemática, colocam em questão também o empoderamento do interator frente às potencialidades de interconexão das ferramentas de redes sociais, especialmente.

Compreendemos a cibercultura como colocada por Matrix (2006) empregando a noção de formação discursiva foucaultiana. Assim, buscaremos nesse trabalho descrever o discurso tecnicista contemporâneo nos horizontes da cibercultura:

> como uma formação discursiva (foucaultiana, essencialmente) prestativamente esclarece como os principais conceitos que emergem repetidamente na cultura cyberpop operaram como uma rede ou arquitetura conceitual conectando tecnologias a sujeitos individuais, identidades e estilos de vida digitais (Matrix, 2006: 05).

A formação discursiva da cibercultura, em suas diversas acepções, admite a interpretação da cibercultura como uma formação discursiva, no contexto dos discursos circulantes de que trata Charaudeau (2004). A noção de formação discursiva deve ser interpretada como "inseparável do interdiscurso, lugar em que se constituem os objetos e a coerência dos enunciados que proveem de uma formação discursiva" (Charaudeau, 2004: 241).

Essa produção de sentidos em torno das narrativas da cibercultura está fundamentada em uma perspectiva que trata das representações como processo e estrutura de conhecimento. As representações da cibercultura, em suas múltiplas acepções e articuladas pelas narrativas em rede, são marcadas por uma série de características que formam um conjunto de enunciados unidos por traços icônicos e imagéticos em comum, como a digitalidade, o cyber, a rede, como "manifestações, experiências e vivências relacionadas à digitalização dos atos, modos e expressões, [que] acoplam o prefixo cyber à maioria dos processos tecnossociais do nosso tempo" (Correa, 2010).

Narrativas meméticas e narrativas em rede

Nesse contexto dos modelos de protagonismos narrativos preponderantes, as mídias digitais imprimem uma nova diretriz interpretativa para a centralidade dos meios digitais na contemporaneidade. Para além da técnica e da tecnologia, as mídias digitais representam e incorporam diferentes formas de subjetividade e novas matrizes enunciativas para a problemática do sujeito, incorporando modelos de protagonismo que oscilam dialeticamente entre sujeito e objeto, entre solução e problema, entre homem e natureza. Assim, defendemos que o significado da tecnologia vai além do que sua apropriação cultural provê: em um plano teórico, ela também propõe a ressignificação dos meios e teorias comunicativas: para além das tradicionais e perspectivistas formas de configurar o sujeito passivo da televisão, da pintura e mesmo da fotografia.

Sendo assim, apresentamos o conceito de narrativa em rede, ultrapassando as visões linguísticas da noção de narrativa, articulando as narrativas digitais em forma de narrativas ciberculturais, combinadas às noções de convergência, poética cibercultural e mesmo transmídia, seguindo uma tendência dos estudos narrativos que possibilitam analisar os modelos de protagonismos preponderantes. Tal conceito de narrativa em rede está fundamentado na seguinte duplicidade, colocada por Ryan (2006):

1. No plano textual, linguístico, imagético e semiótico, essa concepção admite o estudo dos materiais sígnicos que modelam as narrativas nas redes digitais, as narrativas transmidiáticas. As investigações a respeito do meio, dos gêneros discursivos, da linearidade no hipertexto e, por fim, as formas e fluxos narrativos em rede fazem parte desse primeiro domínio das narrativas. Compõem, assim, a dimensão das articulações discursivas das narrativas em redes, e delineiam a investigação das narrativas "nas" redes.
2. No plano cognitivo, evidenciam o aspecto metafórico e o potencial de ativação de imaginários. Subjetividades tecnoculturais e processos de agenciamento, compondo tanto um componente teórico relevante no contexto das narrativas digitais e processo cultural distintivo da tecnocultura, quanto objeto de pesquisa em si mesmo: as narrativas "das" redes, ou seja, narrativas que tem nas redes, na técnica e na tecnologia seu principal personagem.

As narrativas em rede constituem-se como objeto de pesquisa não apenas em função de sua permeabilidade por dentre os dispositivos convergentes da Comunicação na contemporaneidade, mas também como narrativas que, ao plasmarem um sentido em torno da cibercultura, carregam uma série de configurações simbólicas desse imaginário tecnocultural (Rüdiger, 2003), justamente por meio da inscrição dessas narrativas digitais.

Típicas narrativas em rede, os memes são reinterpretados no contexto teórico como um processo orientado por um modelo da teoria matemática da comunicação, indicando não apenas um bios mediatizado e convergente, mas também digitalizado e informatizado e propondo um processo de agenciamento operacionalizado pelos dados informacionais.

Modelos teóricos para memes

O modelo memético de narrativa cibercultural, derivado da Teoria Matemática da Comunicação, aborda as novas tecnologias como simples instrumentos capazes de calcular, planejar, emitir e codificar dados numéricos e, também, promover a circulação de dados alfanuméricos e, mais recentemente, os memes. O desenvolvimento do transistor trouxe a palavra bit que, junto à polegada, a libra traz a ideia de uma unidade fundamental de medida. Na era da Informação, traços que representam as letras do alfabeto; as letras que

representam sons, palavras e em combinação formando; as palavras que representam cerca de substrato último de sentido. O processamento de informação nasce com o armazenamento de informações e a possibilidade de recuperá-las (Gleick, 2011).

A teoria matemática da informação trata a junção entre as ordenações científicas da modernidade e o surgimento de artefatos técnicos a partir de um modelo linear que presume a fonte de informação produtora da mensagem, um codificador capaz de transformar a mensagem em unidades de informação capazes de serem disseminadas por meio de um canal e reordenadas por um receptor. Nesse contexto, o telefone, a máquina de fax, a calculadora, e, finalmente, o computador seriam apenas as mais recentes inovações concebidas para salvar, manipular e comunicar informações, bites e bytes. O computador, protagonista dessa narrativa cibercultural, incorpora o papel de instrumento de disseminação de informação, dentro do espaço virtual, o ciberespaço.

A memética aborda a biosfera não apenas como um espaço físico, mas como uma entidade complexa, na qual as informações competem, replicam-se, se movem em diferentes graus de abstração. Tendo a seleção natural como modelo pelo qual as ideias se disseminam, esse modo de pensar a conectividade proporciona às ideias propriedades dos organismos vivos, que se reproduzem e perpetuam sua espécie, fundindo, recombinando e segregando seu conteúdo. Dotadas de poder, ideias geram novas ideias e interagem entre si.

Richard Dawkins surge como o grande disseminador do potencial da memética como uma teoria capaz de compreender a relação entre a evolução dos genes e das ideias, dando aos "replicatores" o papel de disseminadores, sendo a linguagem o vetor desse processo. Competindo por atenção, os memes podem ter o formato de ideias (conceito aplicado como sinônimo de crença), frases, imagens que emergem a partir das mentes humanas e se replicam em diversos formatos e meios:

> memes emergem nas mentes e viajam para onde mais a informação possa viajar. Não devem ser pensados como partículas complementares mas como organismos. O número três não é um meme, nem a cor azul, nem mesmo um simples pensamento. Memes são unidades complexas, distintas e memoráveis - unidades com poder de fixação (Gleick, 2011: 313).

Não são atores dotados de consciência, mas entidades com interesses passados adiante por meio de seleção natural. A relação entre os sistemas de significados e sua mecânica de produção às estruturas biológicas e cognitivas configura-se como uma incorporação teórica realizada não apenas pelos adeptos da memética, mas também pelos linguistas que atribuem

à linguagem e à gramática uma característica inata e não algo formado ao longo do desenvolvimento humano, por meio das experiências de aprendizado, em contato com o mundo, o ambiente que o cerca e a cultura em que estamos submersos. Sendo de caráter inato e, portanto, biológico, a propagação e replicação discursiva na visão dos teóricos das Ciências Cognitivas torna-se uma questão psicológica, distinta daquela ancorada na filosofia e liderada por Michel Foucault e distinta também das perspectivas críticas herdeiras do marxismo europeu. No entanto, uma segunda interpretação do conceito de meme surge como manifestação da cibercultura em seus traços populares. Reinterpretado para o movimento da circulação de enunciados na rede semântica da internet, os memes na internet são enunciados materializados que incorporam as características evolutivas de contágio biológico elencadas por Richard Dawkins.

Apoiando ambas as interpretações, a perspectiva memética da informação, de herança funcionalista, porém com uma abordagem cultural e biológica, compõe uma das abordagens de maior pregnância na cultura popular a respeito da apropriação da tecnologia pelo componente cultural. Sendo assim, integra a metáfora da internet e, especialmente, o ciberespaço, como o espaço onde a informação circula e no qual o grande protagonista, o computador, encarrega-se de materializar as informações na forma de enunciados. A ação performativa chave para compreender tais expressões narrativas passa pelo movimento de disseminação. As palavras de ordem nessa narrativa auto reflexiva: disseminação, dispersão, derramamento e propagação.

No entanto, adotaremos uma segunda abordagem que trata a circulação de enunciados dentro das premissas pós-estruturalistas. Aliado às descontinuidades, rupturas, ao devir e ao acontecimento histórico em detrimento da imobilidade das estruturas, marcadas por sistemas fechados e sincrônicos, Foucault credita aos sistemas de saber/poder o papel de mecanismo replicador do discurso. Os acontecimentos discursivos emergem em superfícies de existência, tornam-se nomeáveis, adquirem status de objeto. Por meio de instâncias, práticas e delimitações, o discurso é legitimado e pode, assim, adquirir pregnância conforme o conjunto de sujeitos falantes e os lugares institucionais em que esses discursos circulam.

Charaudeau também compartilha dessa mesma perspectiva – “existe um ponto de vista ingênuo a respeito da informação” (Charaudeau, 2006: 34) – que coloca a informação a partir de uma visão tecnicista, não como algo que existe em si mesma, sendo exterior ao ser

humano, mas como pura enunciação, e, portanto, dependente da ação humana e da intersubjetividade. Construtora de saber e dependente do campo interdiscursivo e extradiscursivo do qual emerge e da situação enunciativa da qual provêm, bem como dos meios empregados para propagá-la, o conceito de informação submerge ao de discurso, resultado da combinação de condições e circunstâncias enunciativas, a partir do qual emerge o sentido: "No âmbito da informação, isso equivale a se interrogar sobre a *mecânica de construção de sentido*, sobre a *natureza do saber* que é transmitido e sobre o *efeito de verdade* que pode produzir no receptor" (Charaudeau, 2006: 40).

A circulação dos enunciados se dá em função dos mecanismos de poder em jogo, conjugando práticas de legitimação e posições enunciativas. Dessa maneira, tendo como horizonte a busca por unidades mínimas de significação, dentro de um sistema de enunciados possíveis, bem como na descoberta das regras de formação discursiva, das condições de existência de um determinado grupo de enunciados, compreender os processos de convergência passa, necessariamente, pelo estudo da construção do sentido e dos efeitos de verdade que modulam o fluxo narrativo nas redes, projetando não a busca de uma verdade e de um real, mas de credibilidade e verossimilhança.

Cada tipo e gênero do discurso ajusta seus saberes de conhecimento e crença de acordo com as trocas sociais e os sistemas de valores implicados na enunciação. Assim, novas formas de circulação dos enunciados no contexto da convergência das mídias ultrapassam a noção de dispositivo e suporte e recolocam as bases conceituais dos gêneros textuais e discursivos. Nesse sentido, as diversas tecnologias de inscrição praticadas pelos processos comunicativos ao longo da história humana mobilizam diferentes formas de interagir com o enunciado. Da oralidade à escrita, da escrita à imprensa, da imprensa aos meios digitais, enunciados são deslocados e realocados, possibilitando a emergência de efeitos de sentido e percursos narrativos diversos.

Promovendo um percurso teórico das teorias matemáticas da informação às interpretações discursivas das narrativas em rede, articuladas aos processos de circulação de enunciados no contexto da convergência, relacionados aos mecanismos de espacialização e temporalização, considerando a hipótese de um sistema interdiscursivo de sentido em detrimento de uma perspectiva matemática e informativa das redes.

Enfim, as maneiras pelas quais ambos se constroem as narrativas – que aqui, são as chamadas narrativas meméticas - não apenas que tratam ou abordam conteúdos

relacionados às tecnologias, mas que formatam uma forma de ver o mundo mediado pelas transformações tecnológicas, na mesma direção tomada por Figueiredo (2010: 11) ao atentar que "merece especial atenção o fenômeno de deslizamento das narrativas de um meio a outro, de um suporte para o outro – o processo contínuo de reciclagem das intrigas ficcionais, recriadas para circular por diferentes plataformas".

Deslizamentos narrativos meméticos

Exemplo do componente reflexivo da cibercultura no campo discursivo da cultura popular, um dos memes mais propagados no ano de 2010 trazia um trecho intertextual a partir do filme *The Social Network*, filme sobre uma das redes sociais na internet mais famosas do mundo, o *Facebook*. O drama americano, dirigido por David Fincher, relata o nascimento e popularização da rede social desenvolvida por Mark Zuckberg. Estrelado por Jesse Eisenberg como seu fundador, Zuckerberg, é retratado como um personagem extremamente egoísta e mesquinho, apesar da inventividade e genialidade.

O meme faz referência a uma cena do filme na qual o protagonista, dentro de uma sala de aula norte-americana recebe, de uma aluna, um bilhete escrito à mão, com os seguintes dizeres: "*U dick"*, que pode ser entendido como uma frase pejorativa sofrida pelo protagonista em função de suas atitudes e comportamentos perante os colegas de universidade quando do período de desenvolvimento da ferramenta de rede social:

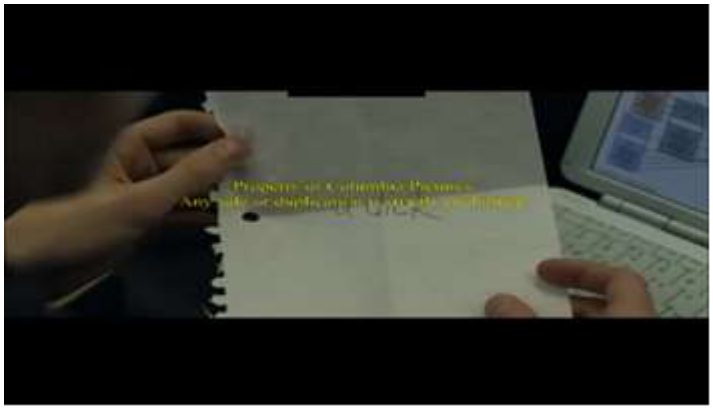

Figura 1: Meme do filme *The Social Network*

No universo diegético do filme em questão, a ação de "transportar uma mensagem" redigida em uma folha de papel, pelas mãos de uma série de personagens, antes de chegar ao seu destino final, já remete a estratégias narrativas semelhantes às empregadas pelos memes, conforme pode ser observado na figura abaixo:

Figura 2: Meme do filme *The Social Network*

As estratégias e significantes visuais característicos do meme, ou seja, a replicação de uma imagem que expõe uma folha de papel sendo segurada pelas mãos são as mesmas que permitem a disseminação do meme, pois cada interator pode completar as lacunas da folha de papel com o enunciado que desejar, criando uma série de efeitos poéticos, paródicos e/ou metafóricos.

A intertextualidade explícita é uma característica dos memes, cujo potencial de replicação e contaminação se dá justamente em função da exploração da variedade de campos semânticos que podem ser retomados a cada novo enunciado memético. Cada apropriação parodística, metafórica que replica as estratégias figurativas do meme em questão e ressignifica seu enunciado verbal acrescenta um novo valor semântico à narrativa.

Destacado o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, a heterogeneidade no discurso é a forma mais comum de alteridade. Jacqueline Authier-Revuz (1990) identifica nos enunciados algumas formas de heterogeneidade que acusam a presença de outros discursos: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva, estratégias enunciativas.

No caso do fenômeno analisado, a heterogeneidade mostrada se dá não no plano verbal do discurso, mas no plano visual. A heterogeneidade mostrada ocorre quando "formas, lingüisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro" (Authier-Revuz, 1990: 12), tratando-se de uma forma intertextual e principalmente por meio da tentativa do sujeito de se individualizar, e/ou singularizar seu

discurso -- é o caso do discurso relatado (direto e indireto), das aspas, do itálico e do metadiscurso do locutor (conjunto de expressões, glosas, retoques, comentários).

Trata-se de um protagonismo memético que coloca o interator no centro da atividade semiótico-discursiva, uma vez que ele pode tanto participar ativamente da construção do plano da expressão e do conteúdo quanto reconstruir o efeito de sentido a partir dessa lacuna discursiva colocada pela heterogeneidade mostrada. No exemplo citado, o enunciado verbal remete ao próprio universo diegético do filme: o imperativo "make a gorilas face", simula um pedido para que o protagonista do filme e receptor da mensagem redigida no pedaço de papel "faça uma cara de gorila". O conjunto de imagens constitui, portanto, uma narrativa recriada pelo interator.

Formas mais complexas em que a presença do outro não é explicitada por marcas unívocas na frase são denominadas de heterogeneidade constitutiva – que não revela o outro, porque é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente –, referindo-se ao funcionamento real do discurso, enquanto a heterogeneidade mostrada diz respeito à voz do outro inscrita no discurso. É o caso do discurso indireto livre, da ironia, da antífrase, da alusão, da imitação.

Determinado tipo de relação entre as articulações discursivas dos memes a seus processos de agenciamento caracteriza uma formação discursiva e um modelo de protagonismo bastante disseminado na e pela cibercultura, que faz parte uma infinidade de expressões e manifestações culturais da contemporaneidade. São as narrativas que chamaremos aqui de "narrativas autoreflexivas da informação", marcadas por características que, tanto no universo diegético, quanto nas formas interativas, mostram um sujeito "oculto", gerando um efeito de sentido de autorreferencialidade bastante forte. Trata-se de articulações discursivas que não admitem uma matriz enunciativa única, particular, subjetivada, mas uma diversidade de vozes, impessoais e objetivadas, que circulam nas redes por meio dos memes.

Em uma acepção disciplinar, no contexto da centralidade das redes e do discurso cibercultural, nos últimos anos as expressões culturais, e, especialmente os materiais de divulgação científica e o mercado editorial tem voltado sua atenção para o movimento da cibercultura:

> ...deve haver algo mais na cibercultura que nos permita esboçar uma mínima especificidade. É fato que não há domínio da vida contemporânea que não esteja, de certo modo, embebido na experiência tecnológica. É fato também que toda

> cultura é, desde sempre, uma "tecnocultura", como sugere Erik Davis (1998:10). Porém, a cibercultura parece ser aquela esfera da experiência contemporânea na qual o componente tecnológico passa a ser pensado, reflexivamente, como o fator central determinante das vivências sociais, das sensorialidades e das elaborações estéticas. Em, outras palavras, mais que uma tecnocultura, a cibercultura representa um momento em que a tecnologia se coloca como questão essencial para toda a sociedade em todos os seus aspectos, dentro e fora da academia (Felinto, 2006).

No entanto, nos exemplos evidenciados em 2013, observa-se um modelo de protagonismo não fundamentado em uma autorreflexividade cibercultural, mas sim baseado nas formas de apropriação sociais e culturais da tecnologia para um fim, um objetivo além. Esse deslizamento ocorre como causa e consequência de amadurecimento da apropriação das ferramentas de redes sociais, bem como da disseminação de seus princípios e conceitos a uma série de áreas do conhecimento e da cultura popular.

O componente da autorreflexividade perde sua força conforme novos elementos são adicionados à temática narrativa: enquanto em 2010 a agenda midiática estava direcionada de forma a dar visibilidade ao filme The Social Network, bem como às redes sociais na internet por si mesmas, em 2013, as redes sociais emergem como um meio para que os interatores protagonizem uma transformação social, como ocorreu no período das manifestações que mobilizaram o país em diversas esferas. Para Castells, a Internet surge como "o meio mais fácil para se atingir e se exercer a democracia por possibilitar a liberdade de expressão". No entanto, esta liberdade é sempre uma luta constante, e ainda estaria sendo disputada no campo da Internet. É a capacidade de redefinir autonomia e pôr a democracia em prática em cada contexto social e tecnológico. A Internet encerra um potencial extraordinário para a expressão dos direitos dos cidadãos e a comunicação de valores humanos, mas, certamente não pode substituir a mudança social ou a reforma política. (Castells, 2003: 120), demonstrando esses deslizamentos da reflexividade em direção à apropriação das redes sociais para efeitos políticos e sociais.

Uma série de memes disseminou-se nas redes nos dias das manifestações populares, no mês de junho, colocando uma nova forma do cidadão de expressar a insatisfação da população. Como pode ser observado no meme abaixo, que faz menção à legalização do "vinagre", remetendo figurativamente ao líquido que foi "proibido" durante as manifestações de rua. Tradicionalmente, o vinagre é usado por manifestantes e jornalistas que cobrem manifestações populares para diminuir a sensação de ardor nos olhos e na garganta provocado pelas bombas de gás lacrimogênio.

Figura 4: Meme das manifestações (“vinagre”)

Os elementos lexicais desse enunciado verbal-visual trazem a o enunciado “legalize já”, remetendo a uma expressão bastante comum quando do recente contexto da descriminalização da maconha assim como, a uma música do grupo Planet Hemp popularizada nos anos 1995. No entanto, no caso dos elementos espaciais e imagéticos, a figura de frascos de vinagre corresponde, de forma irônica à permissão do porte de vinagre em manifestações.

Nesse mesmo contexto, surgiram nas redes sociais uma série de memes que remetem à proibição do vinagre, como os meme abaixo. O primeiro, protagonizado pela apresentadora de programa culinário Palmirinha disseminou-se nas redes como revelação pessoal da apresentadora a favor das manifestações. O segundo meme emprega estratégias visuais e discursivas do gênero jornalístico para aglutinar elementos verbais e visuais dos dois memes anteriores, remetendo a seus elementos discursivos de forma a evidenciar um efeito de sentido parodístico, como se o enunciado individualizado do primeiro meme levasse narrativamente a uma prisão, por porte de vinagre. O efeito jocoso advém do vinagre ser efetivamente um ingrediente culinário.

Figuras 4 e 5: memes das manifestações (“Palmirinha”)

Conclusões

Vimos que os memes podem ser interpretados como sintoma das configurações ciberculturais da contemporaneidade, e podem ser analisados em função dos fluxos convergentes e reinterpretados a partir de modelos de protagonismos ciberculturais. Narrativas em redes consideradas em seus elementos verbais, visuais, imagéticos e cognitivos, propusemos uma visão complementar dos memes como um uma prática midiática dotada de potencial convergente e, principalmente, interdiscursivo, possibilitando investigar as estratégias discursivas e modelos de protagonismos concernentes às narrativas da cibercultura.

Identificamos um deslizamento narrativo memético de uma autoreflexividade cibercultural (tematizando especialmente elementos da digitalização e dos modos de vida cyber) em direção à uma apropriação das redes sociais para a disseminação de memes relacionados à uma nova cidadania, uma cidadania apoiada no humor e na justaposição de elementos verbais e visuais que recriam novos efeitos de sentido tematizando a democracia e as manifestações populares.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s).** Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, SP, n. 19, 1990.

BOLTER, J,D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 2000.

CASTELLS. A Galáxia Internet. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, P. MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CORREA, E.S.. Fragmentos da cena cibercultural: transdisciplinaridade e o "não conceito". Rev. USP, São Paulo, n. 86, ago. 2010 . Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892010000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 nov. 2012.

FELINTO, E. Os computadores também sonham? Por uma teoria da cibercultura como imaginário. UNIrevista, vol. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Felinto.PDF

GLEICK, J. **The Information**: A History, a Theory, a Flood. New York: Pantheon Books, 2011.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MATRIX, S. E. **Cyberpop**: digital lifestyles and commodity culture. New York: Routledge, 2006.

RÜDIGER, F. **Introdução às teorias da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RYAN, M.-L. **Avatars of Story**, University of Minnesota Press, Minneapolis/London, 2006.